

ODESAFIO CONTINUA

FLÁVIA DUARTE

DA EQUIPE DO CORREIO

Aos 44 anos, Brasília guarda as marcas da juventude: ousadia e sonho. A cidade nasceu do ideal de um presidente que não se rendeu às dificuldades e cumpriu o desafio de construir a nova capital. E deu forma ao sonho de Dom Bosco, o padre italiano que se tornou conhecido como o apóstolo da juventude e previu, em 1883, que uma nova civilização surgiria exatamente onde Brasília foi construída.

Quase meio século depois, o horizonte de paz e progresso sonhado por JK na imensidão do Planalto Central é defendido por jovens que apostam numa sociedade mais justa. Que querem construir um país diferente e surpreendem com discursos bem elaborados e ações de cidadania. Gente que se organiza, traça objetivos comuns e vai à luta.

Meninos de pouca idade, mas com muitas idéias, como os integrantes do Interagir, uma ong que discute políticas públicas para a juventude. Muitos, sem dinheiro no bolso, contam apenas com a força de vontade. Como o Grupo Cultural Azulim, criado há dez anos por 15 adolescentes que sofreram preconceitos por serem negros e pobres e decidiram lutar para melhorar a vida da comunidade.

"Muitos jovens não sentem vontade de fazer nada pela sociedade, mas me orgulho do que faço"

*Ana Gabriela Soares,
20 anos, integrante
do projeto Gerações*

Como fez o estudante de Ciência da Educação Sérgio de Castro, 25 anos, que há seis anos criou o grupo Atitude. Queria mudar a realidade de Ceilândia, onde mora. "Uma cidade cheia de problemas, mas repleta de jovens com grande potencial", afirma. Faltam oportunidades. Em busca delas, Sérgio e os companheiros procuraram a Universidade de Brasília. Queriam aprender mais sobre DST/Aids e levar os conhecimentos às escolas.

Foi o primeiro trabalho. Depois, começaram a ensinar teatro e artes plásticas e a incentivar os jovens de Ceilândia a melhorar a escola e a comunidade. O começo foi difícil. Hoje o grupo se orgulha, apesar da falta de recursos. "Conseguimos mostrar que podemos escolher um caminho diferente", diz Sérgio.

Filho de pai soldador, analfabeto, e mãe feirante, ele só não abandonou a faculdade porque os amigos de sala se cotizaram para pagar as mensalidades. Tem dia que o dinheiro falta até para o ônibus. Diversão e roupas novas, nem pensar. "É o preço que pagamos para nos dedicar de corpo e alma ao projeto", explica.

Ricardo B. Labastier



O GRUPO INTERAGIR PROMOVE OFICINAS E DEBATES COM JOVENS: CRIANDO UMA GERAÇÃO DE BRASILIENSES MAIS CONSCIENTES

Papel importante

Eles estudam em escolas particulares, falam mais de uma língua e se comunicam pela internet. Filhos de classe média, os jovens do Interagir querem discutir e propor políticas públicas para a juventude. "O objetivo é mostrar aos jovens que eles têm um papel importante na sociedade", defende Clóvis Henrique de Souza, 23 anos, presidente do grupo.

Formado em Direito e estudante de Ciências Políticas, ele decidiu há quatro anos que poderia fazer algo pela sociedade. Tirar os meninos da mesma idade da apatia e fazer com que se interessem por questões como protagonismo juvenil, política, meio ambiente, empreendedorismo. Surgiu o Interagir, com o desafio de criar espaços de debate para quem tem entre 14 e 24 anos. Ano passado, eles reuniram 700 jovens, durante dois dias de oficinas e discussões.

Estudante do 3º ano do ensino médio, Felipe

Rabello, 17 anos, se juntou ao grupo, hoje com 12 integrantes. Queria ser ouvido e mostrar que o jovem não é alienado. Esta semana, ele embarca para o Rio de Janeiro com a missão de discutir as propostas da juventude em relação à mídia. Na mesa de debates, estarão representantes da Agência Nacional dos Direitos da Infância (Andi) e do Unicef.

A estudante de Jornalismo Ana Gabriela Sales, 20 anos, desde os 16 dedica algumas horas de seus dias ao projeto Gerações, que trabalha para despertar a cidadania nos jovens. Ela faz palestras sobre discriminação, exclusão social, desemprego, drogas, sexualidade e relacionamento na família para alunos de todas as idades, em escolas do Distrito Federal. "Muitos jovens não sentem vontade de fazer nada pela sociedade, mas me orgulho do que faço. Na construção da história de Brasília, considero minha participação relevante", afirma.